

Escrevendo A Educação Como Prática De Liberdade: Um Contexto Bell Hooks

Marileide Carvalho De Souza¹, Neila Barbosa Osório²,
Glauce Gonçalves Da Silva Gomes³, Eduardo Aoki Ribeiro Sera⁴,
Anice De Souza Moura⁵, Giselle Carmo Maia⁶,
Lêda Santana De Oliveira Noletto⁷, Elizângela Inocêncio Mattos⁸,
Jucélia Cordeiro Sousa Passos⁹, Nubia Pereira Brito Oliveira¹⁰

Universidade Federal Do Tocantins (Uft)

Resumo:

Este artigo tem como tema Educação para a liberdade à luz de bell hooks. Há muito se fala em crise na educação, há encruzilhadas, caminhos possíveis de serem transgredidos. Posturas se fazem necessárias ao educador a partir de reflexões nesse cenário: ficar obsoleto, ficar subjugado a uma educação excludente na manutenção do status quo ou transformar a prática pedagógica, ensinando/aprendendo a transgredir em busca de uma educação como prática de liberdade consciente. Objetivou-se aqui, compreender e discutir sobre a educação como prática de liberdade, trazendo a sala de aula como ambiente de cura, de prazer, de aprender e ensinar a transgredir a partir de reflexões de vivências. Trata-se de um estudo de revisão sistemática de literatura da obra de bell hooks, ativista norte-americana, batizada como Glória Jean Watkins - Ensinando a Transgredir: Educação como Prática de Liberdade. Foi realizado a partir do método de pesquisa bibliográfica, um levantamento das cinco principais obras da autora - período de edição 2017 a 2020 - bem como, duas obras de Paulo Freire, uma obra de Simone Beauvoir, e, ainda reflexões budistas de ressignificar questões pedagógicas a partir de práticas para a educação. As obras foram selecionadas para leitura pela abordagem da prática de liberdade e/ou contextualização teórico-prática educativas. A literatura transita de forma reflexiva entre as pedagogias crítica, feminista, libertária, do oprimido, da autonomia e engajada, e, aponta na intersecção, caminhos metodológicos significativos que partem das vivências dos alunos e docentes para a discussão coletiva, e, aprendizados transformadores. Contudo, apesar das abordagens metodológicas inovadoras no que diz respeito a educação como prática de liberdade, ensinando e aprendendo a transgredir paradigmas, faz-se necessário insistir nesse direcionamento em mais estudos, uma vez que pós pandemia, surgiram problemáticas necessárias de intervenções contextualizadas e atuais em relação a adequação no mundo acadêmico informatizado e globalizado.

Palavras Chave: Prática de Liberdade; Prática Pedagógica; Vivências; bell hooks; Caminhos Possíveis.

Date of Submission: 29-09-2024

Date of Acceptance: 09-10-2024

I. Introdução

Os estudos aqui abordados têm a pretensão de servirem de inspiração do atuar cotidiano na educação, especialmente aos educadores que atuam em sala de aula. Educação como prática de liberdade está sistematizado e organizado a luz de bell hooks na intersecção de reflexões de Paulo Freire e Simone de Beauvoir sobre a pedagogia em geral enquanto contexto onde se encontram experiências políticas, educacionais, pessoais e emocionais de forma inovadora. As idéias são ilustradas a partir de experiências pessoais de Glória Wathinks. A grande profundidade das reflexões faz com que sejam aplicáveis pela contextualização significativa do processo. Apesar dos estudos serem publicados inicialmente em 1994, são extremamente atuais pela abordagem teórico-prática e são de grande valia no transgredir cotidiano da sala de aula.

No todo das literaturas sobre pedagogia existe um caminho teórico muito sólido e rico que ajudam a pensar as práticas educativas, mas por diversos motivos nem sempre é fácil colocar em prática esses

conhecimentos. A abordagem da pedagogia como prática de liberdade possibilita de forma simples e acessível compreender o atuar do educador de forma desestabilizadora. No todo dos ensinamentos do ensinar a transgredir, não apenas nessa obra, existe uma intersecção reflexiva entre questões relativas à raça e política, principalmente no que diz respeito ao capitalismo e questões de gênero e sexualidade na nossa vida pessoal, integradas à sala de aula de forma muito bem-sucedida.

A Educação para a liberdade, transita por cinco arestas do campo educacional: pedagogia crítica, que é um dos fundamentos da obra; pedagogia feminista, entrada da autora no mundo intelectual; pedagogia transformadora, com o entendimento da sala como contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir; pedagogia anticolonial, disposta a encarar questões raciais, e, pedagogia engajada à luz da teoria budista aos olhos do monge Thich Nhat Hanh. Segundo bell hooks, cada uma das pedagogias ilumina as outras, numa mistura complexa e única de múltiplas perspectivas que resultam num ponto de vista envolvente e poderoso a partir do qual pode-se trabalhar para transpor fronteiras. Nessa interação pedagógica, é que se delineiam possibilidades de práticas de dar aulas a grupos diversificados de alunos levando em consideração suas realidades particulares e comuns.

Objetiva-se aqui, principalmente refletir sobre práticas pedagógicas que possibilitam ou impossibilitam que o desenvolver cotidiano da educação seja de fato libertadora. Não por acaso, Paulo Freire é inserido aqui como luz à teoria da educação como prática para a liberdade. Nessa alusão, a inseparabilidade entre teoria e prática é essencial. A teoria e a sala de aula feminista é o segundo grande referencial que foi um grande encontro com os conceitos da Pedagogia Crítica, convergidos aos ensinamentos de Beauvoir nas dinâmicas das relações sociais no que diz respeito às práticas sexistas no desenvolvimento educacional que conduzem à liberdade de ser e de existir. E, o terceiro potencial desencadeador e inspirador das possibilidades de libertação a partir da educação, mais inusitado, o budismo engajado e sua potencialidade de ressignificar questões pedagógicas, práticas para a educação.

A Pedagogia como Prática de Liberdade traz reflexões bastante novas apesar do tempo de idade, além de diversas outras idéias a luz das vivências contextualizadas. Trata em particular, da teoria/sala de aula e do professor como lugar e agente de cura - ponto libertador, trata também do conceito de educação holística que pela abordagem é bastante inovador. Pelas riquíssimas reflexões de bell, a alegria, o prazer e eros são abordagens significativas que complementam práticas pedagógicas. De forma esplendida e essencial, fundamenta o papel importantíssimo do amor na educação. O corpo do professor também é tratado de forma avassaladora na interação do contexto de sala.

As idéias abordadas na prática de uma educação como prática de liberdade nos coloca em desafios intelectual e emocional, para lidar com essas ideias é preciso enfrentar certos medos e questionar não apenas o sistema da educação como está posto, mas também as práticas dentro desse sistema, a autora nos convida a colocar esses questionamentos com amor.

Nesse direcionamento, há muito se fala de uma crise na educação, como se movimentar dentro dela? Convida-se aqui, os educadores a se considerarem em caminhos possíveis. O mundo está evoluindo nos vários campos, especialmente no que diz respeito à tecnologia, que se faz essencial ser compreendida de forma mais ampla. Nesse caminho, essencial se faz como professor refletir sobre e nessa encruzilhada possível e desafiadora: ficar obsoleto mais ainda como já está em alguns cenários, ficar subjugado a práticas político-educacionais limitadoras e excludentes que trazem em si um propósito de limitar e enfraquecer a educação ou mudar completamente, transgredindo os limites e barreiras que têm sido impostos aos educadores e sistemas sociais por práticas sociais autoritárias e opressoras? Esse estudo vai ajudar a enfrentar abertamente questões de raça, sexualidade, classe social e de consciência. Esse enfrentamento será oportunizado a ser vivido sem medo das amarras e limitações que se tem, e o mais sensacional é que a Educação como Prática de Liberdade está vislumbrada a desenvolver uma pedagogia com amor e especialmente com consciência crítico-reflexiva a partir do vivido, da “dor”.

II. Resultados E Discussão

Considerando a crise que a muito perpassa a educação, onde professores por diversas situações estão sempre desestimulados a ensinar e os alunos desmotivados a aprender, e, os moldes que esta apresenta em não conseguir acompanhar a evolução dos outros campos, buscou-se compreender e discutir sobre a educação como prática de liberdade, trazendo a sala de aula como ambiente de cura, de prazer, de aprender e ensinar a transgredir a partir de reflexões de vivências. O presente artigo traz a luz das vivências de bell hooks, abordagens na unicidade teoria-prática no cotidiano escolar que nortearão, na interface com outros autores, caminhos a serem trilhados na prática pedagógica que ultrapassarão os estereótipos/rótulos e engessamentos educacionais de forma metodológica com críticas e reflexões, a ensinar e aprender a transgredir a educação como prática de liberdade transformadora.

A escola, vista não apenas para a escolarização e a sala de aula, considerada como lugar de cura, onde teoria e prática se fundem numa luta por uma educação antirracista, anticolonial, revolucionária, deve ser lugar

de prazer e entusiasmo, trazer renovação, trazer o ensinar como prática de liberdade: que saia do ensino engessado; que socialize uma linguagem que o aluno entenda, participe, discuta, interaja e reflita; que saia da educação bancária; que busque o respeito e a conscientização do eu numa ênfase coletiva de bem-estar; que reconheça e valorize a expressão, as particularidades e conhecimento do aluno; que repense criticamente as práticas sociais partindo das realidades e trabalhe o multiculturalismo, trazendo à tona as diferenças; e que os educadores ensinem e aprendam-na com um olhar humano na sala de aula.

Na concepção de hooks, tomando a sala de aula como lugar de conflitos qualitativos de aprendizagem, o transgredir é a transformação social através da educação com quebra de paradigmas entre o ensinar e aprender partindo das realidades vivenciadas. Nessa perspectiva, foi nas salas de aula feministas que deu início ao pensamento sobre a pedagogia e a prática da liberdade. Para Simone de Beauvoir “Não nascemos livres, tornamo-nos ... nós somos o que a liberdade nos permite ser, e a liberdade é nossa essência”. É nessa construção envolvendo contextos sócio-histórico-político-cultural e espiritual que bell define na prática pedagógica um resgate da vivência como base para construção do conhecimento crítico e liberdade transformadora.

No primeiro contato com a pedagogia crítica de Paulo Freire, ela encontrou respaldo para acreditar que o aprendizado tinha poder libertador, aprendeu a criar estratégias significativas para sala aula, apesar de criticá-lo por usar termos sexistas e não trabalhar a noção do prazer em sala de aula nas suas obras. Esse último ponto foi o primeiro paradigma abordado pela autora, sala de aula deveria ser um lugar de entusiasmo, de prazer e nunca de tédio. Nas obras seguintes, Freire abandonou as alusões sexistas. Com Freire, bell também aprendeu maneiras novas e libertadoras de pensar sobre a realidade social, orientou sua luta contra processo de colonização, fez pensar profundamente sobre a identidade na resistência. “Não podemos entrar na luta como objetos para nos tornarmos sujeitos mais tarde” (FREIRE, 1990) se tornou um mantra revolucionário para a autora.

Ainda sobre Freire, bell define o encontro como o exemplo que leva o ser humano a perseverar, nas palavras de Thich Nhat Hanh “os grandes seres humanos trazem consigo uma espécie de atmosfera santa, e, quando os procuramos, sentimos paz, amor e coragem”.

Nesse ínterim, é acrescentado de forma positiva ao processo de educação como prática de liberdade, a teoria budista de ressignificações do processo educacional - pensamento de que refletir e agir sobre o mundo são formas de modifica-lo - denominada pedagogia engajada, onde cada sala de aula é diferente, as estratégias devem ser constantemente modificadas, inventadas e contextualizadas, acompanhando as “novas” experiências do ensino – sempre mudando conforme realidade, sempre participando do crescimento intelectual e espiritual dos alunos. Como diz o monge budista vietnamita Thich Nhat Hanh “respeito e proteção às almas dos alunos é essencial para um aprendizado mais profundo e mais íntimo.

Enquanto Freire se ocupa da mente, Thich Nhat Hanh apresenta uma maneira de pensar sobre a pedagogia, unindo corpo e mente, forma holística de pensar. Os dois pensadores interseccionam e contribuem com ensinamentos de que os alunos sejam sempre participantes ativos, liguem consciência à prática. O foco da sala de aula e dos professores como lugar e agentes de cura está na pedagogia engajada, reforçado por Freire, com início na autoatualização do professor. Nessa simbiose progressiva e holística que é mais exigente que a pedagogia crítica e/ou feminista convencional, o professor também aprende no ambiente escolar, há partilha de experiência dos dois lados.

Nessa busca da educação como prática para a liberdade, aborda-se também a teoria a partir da vivência/experiência, como local de cura, de liberação, meio de desafiar o *status quo*, meio de intervenção. Não deve existir brecha em dualidade entre teoria e prática, devem ser recíprocas, uma capacita e respalda a outra. Quando existe o abismo entre as duas, tendência a perpetuar o elitismo, reforça exploração e repressão coletiva. Nessa criticidade, bell pontua que uma teoria transformadora tem que nascer no concreto, na vivência, no cotidiano, e, que teorias específicas partidas de dor, levam a cura, servem ao conhecimento e são libertadoras.

Vale salientar que esses pensamentos/direcionamentos libertadores, não são fáceis, as pessoas têm dificuldades de mudar de paradigmas e precisam de um contexto onde deem voz a seus medos, onde falem sobre o que, como e por quê estão fazendo, hooks chama de partilha de experiência na prática de educação inclusiva. A pedagogia crítica e a pedagogia feminista deram ênfase ao encontro da voz partindo da história de vida. É preciso ensinar de um jeito que transforme a consciência, criando clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.

Nas partilhas e intersecções dos estudos discutidos para se caminhar na direção de uma educação para a liberdade, aqui resultadas, define o pensamento crítico partido da realidade vivenciada, como elemento primordial que permite possibilidade de mudança. O intercâmbio entre pensar, escrever, ver e partilhar idéias como intelectual e professora, criou todo o conhecimento presente nas obras de bell.

III. Conclusão

Nos moldes ainda postos, a educação permanece numa grave crise; os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar. Para enfrentar essa crise é preciso considerar e repensar o ensino. A sala de aula com todas as suas limitações, sendo também fonte de constrangimento, continua sendo um ambiente de

possibilidades, fonte potencial de libertação, assim nos ensina bell hooks nos descaminhos que o educador enfrenta dia-a-dia no contexto escolar, que “a academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado”.

A teoria na sala de aula, como prática de libertação, pressupõe uma educação que ensine a transgredir, que não se conforme com o que está posto social e culturalmente, que não reproduza o status quo, mas que traga o pensamento crítico, reflexivo e desconstrutivo. Nesse contexto, se faz necessário trazer para o âmbito escolar as experiências de vida. Para hooks, todos levam conhecimento para a sala de aula e essa pluralidade deve ser respeitada, e, considerada como ponto de partida para reflexões, troca de conhecimentos, como estabelece Vygotsky, processo interacionista de sócio-construção de aprendizagens.

Para criar processo de aprendizado empolgante, entusiasta, significativo, é necessário insistir que a presença de todos seja reconhecida, de que todos influenciem e contribuam com o crescimento coletivo. Nesse sentido, a educação deve ser mais que a busca de conhecimentos que estão nos livros, deve buscar também o conhecimento de como viver no mundo.

Assim, escrevendo a educação como prática de liberdade, a união entre corpo, alma e espírito é importante para o aprendizado e autoatualização. A vontade de saber tem que estar ligada à vontade de ser. Nesse sentido, educar para a liberdade é preciso partir da práxis, desafiar, confrontar e mudar o modo como todos pensam sobre o processo pedagógico. Enfim, para hooks, com amor, a sala de aula é o ambiente de possibilidades, onde há oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir a abertura da mente e do coração, que permite encarar a realidade em que coletivamente imaginam-se esquemas para cruzar as fronteiras, transformar e conquistar uma mudança social significativa. Essas mudanças são essenciais para os alunos transgredirem barreiras raciais, sexuais, de classe, dentre outras e atingirem a LIBERDADE.

Referências

- [1] HOOKS, Bell. *Ensinando A Transgredir: A Educação Como Prática De Liberdade*. 2ª Edição, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.
- [2] HOOKS, Bell. *Anseio: Raça, Gênero E Políticas Culturais*. São Paulo: 2ª Edição, Elefante, 2019.
- [3] HOOKS, Bell. *Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática*. 2ª Edição, São Paulo: Elefante, 2020.
- [4] HOOKS, Bell. *Teoria Feminista – Da Margem Ao Centro*. Lisboa: Orfeu Negro, 2020.
- [5] HOOKS, Bell. *Tudo Sobre O Amor*. 1ª Edição, São Paulo: Elefante, 2021.
- [6] FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática De Liberdade*. 53ª Edição, Paz & Terra, 2019.
- [7] FREIRE, Paulo. *Pedagogia Do Oprimido*. 84ª Edição, Paz & Terra, 2019.
- [8] FREIRE, Paulo. *Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários A Prática Educativa*. 74ª Edição, Paz & Terra, 2019.
- [9] BEAUVOIR, Simone De. *O Segundo Sexo*. 4ª Edição, São Paulo: Difusão Européia Do Livro, 1970.
- [10] VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *A Formação Social Da Mente: O Desenvolvimento Dos Processos Psicológicos Superiores*. 4ª Edição, São Paulo: Martins Fontes, 1991.